

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E GÊNEROS –
GEPEM

19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT7: Feminismo, Gênero e Interseccionalidade

**GESTORAS E OS CASOS DE SEXISMO, MACHISMO E INVISIBILIDADE NAS
ESCOLAS DO CAMPO.**

ALANDIENIS SOUZA SANTOS, UFPA.

ANNA MARIA LINHARES, UFPA.

RESUMO

Este artigo socializa o resultado de uma pesquisa realizada com gestoras de escolas do campo da cidade de Tomé-Açu, PA, abordando a histórica invisibilidade das mulheres e a violência dos processos de educação no campo, especialmente o machismo que atinge as gestoras. Para tal, a metodologia utilizada foi a entrevista com mulheres gestoras de escolas do campo na cidade de Tomé-Açu. Tendo como objetivos: reconhecer os desafios e superações profissionais relacionados ao gênero dessas mulheres, a partir das relações estabelecidas entre elas e os demais funcionários da escola, além de evidenciar as diversas formas de preconceitos, machismo, sexismo nas escolas do campo do município, sob a ótica das gestoras pesquisadas e principalmente dar voz as gestoras do campo e suas superações e dificuldades nas escolas do campo. Ao fim do trabalho, apresenta-se uma sugestão de plano de aula interdisciplinar sobre feminismo, a ser utilizado nas escolas do campo.

PALAVRAS-CHAVES: gestoras, escolas do campo, feminismo, Tomé-Açu.

SUMMARY

This article socializes the result of a research carried out with managers of rural schools in the city of Tomé-Açu, PA, addressing the historical invisibility of women and the violence of education processes in the countryside, especially the machismo that affects women managers. To this end, the methodology used was the interview with women managers of rural schools in the city of Tomé-Açu. Having as objectives: to recognize the challenges and professional overcoming related to the gender of these women, from the relationships established between them and the other school employees, besides highlighting the various forms of prejudice, machismo, sexism in the rural schools of the municipality, under the optics of the surveyed managers and mainly give voice to the field managers and their overcoming and difficulties in the field schools. At the end of the paper, a suggestion of an interdisciplinary class plan on feminism, to be used in rural schools, is presented.

KEYWORDS: managers, rural schools, feminism, Tomé-Açu.

1- A HISTÓRICA INVISIBILIDADE DA EDUCAÇÃO DOS POVOS DO CAMPO

A exclusão e dualismo se fizeram presente na educação do nosso país e influenciou fortemente os povos do campo que por décadas foram marginalizados. A eles foi destinada a educação rural, pois o que lhes restava eram os professores menos qualificados, os prédios (quando existiam) menores e com estruturas físicas e pedagógicas discutíveis, merenda e transporte escolar precários, além de um currículo copiado das escolas da cidade, deixando claro que os indivíduos do campo não necessitavam de educação, apenas os da cidade.

As iniciativas governamentais de fazer educação para os povos do campo eram pensadas a partir da lógica urbana, fazendo, assim, que a falha fosse inevitável, devido as diferenças do campo e da cidade. Dessa forma, a educação era rural e não do campo. Até que, em 2001, o MEC aprovou as Diretrizes específicas para a Educação do Campo, reconhecendo quem são os sujeitos do campo e deixando claro que a educação deles deveria ser diferente e de qualidade, valorizando sua identidade.

O termo educação básica do campo só passou a ser assim utilizado em Luziânia-GO, a partir da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em 1998. Já o termo Educação do Campo que a substitui foi definido a partir das discussões do Seminário Nacional em Brasília, em 2002, segundo Caldart (2012). Para que esse termo faça sentido é necessário valorizar a identidade dos sujeitos, seus modos de vida e saberes, compreendendo a importância da terra para eles e usá-lo como temática no currículo dessas escolas.

Os movimentos sociais se fizeram atuantes na concepção de escola do campo que temos nos dias atuais, conforme Molina e Sá (2012, p. 326) enfatizam: “a concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da Educação do Campo, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação”. E essa educação exige especificidades de seus sujeitos.

As escolas são compostas por muitas mulheres fortes e determinadas, sendo possível observar que se organizam em busca de seus objetivos há algum tempo. Temos, em 1995, como exemplo, a Articulação Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais (ANMTR), que reunia as mulheres dos movimentos autônomos, da CPT, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Pastoral da Juventude Rural (PJR), do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), de alguns sindicatos de trabalhadores rurais e, no último período, do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) segundo Paludo e Daron (2012).

Muitas são as pautas da luta dos movimentos de mulheres, que são contra o modelo capitalista e patriarcal, por uma sociedade mais igualitária, que as reconheçam e as valorizem,

contra a opressão, discriminação, violência e pela sua dignidade. A união e as reivindicações desses movimentos culminaram com a demarcação de datas históricas para todos nós, como o 8 de março que é o dia Internacional da mulher, 12 de agosto, morte de Margarida Alves, dia de luta contra a violência no campo, pela ampliação dos direitos previdenciários, pela saúde pública, por um novo projeto de agricultura, pela Reforma Agrária, pela campanha de documentação e pela formação política.

2- MULHERES: A INVISIBILIDADE E A VIOLÊNCIA

Algumas dúvidas nos acompanham quando a temática é voltada para a mulher e suas produções acadêmicas, seus conhecimentos, importância para sociedade e até o tratamento destinado a nós durante milênios. A questão principal dessa indagação se faz presente no momento em que descobrimos que a participação e produção de mulheres sempre existiu, no entanto, a invisibilidade em relação aos homens também as acompanhou.

Atualmente temos um pouco mais de espaço para debatermos questões de gênero e seus desdobramentos, mesmo enfrentando embates. Este trabalho é fruto de resistência, uma vez que os espaços educativos em que estamos inseridas são repletos de machismo e misoginia. Porém, o não aparecimento da figura feminina em fatos históricos importantes em diversas sociedades nos impõe barreiras reais ao tentar analisar ações de mulheres na sociedade patriarcal.

Acreditou-se por muito tempo que ao falar dos homens, se estaria contemplando, também, as mulheres de forma igual, sabe-se que isso não corresponde à realidade. Quando se estuda sobre as mulheres da Grécia do período clássico (sécs. V-IV a. C.) um dos entraves é o fato de que grande parte dos documentos foram feitos por homens e, dessa forma, são carregados de visões, idealizações masculinas sobre o feminino.

Quando mulheres passaram a se perceber numa categoria *mulher*, politicamente falando, passaram a ter o diferencial de pertencerem ao um grupo estudado e assim o olhar tornou-se mais real e cheio de sentimentos, apesar de sermos mulheres diversas. Só pelo fato de estarmos sendo mencionadas por outras mulheres, estudadas por nós mesmas, não deixando apenas homens olhem, falem ou escrevam por nós é revolucionário. Mudança, luta e revolução são termos conhecidos das mulheres, assim também como a violência.

O mapa de homicídio de mulheres no Brasil Waiselfisz (2015) conceitua o feminicídio como “as agressões cometidas contra uma pessoa do sexo feminino no âmbito familiar da vítima que, de forma intencional, causam lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte”. O mapa também aponta características das vítimas, sendo que “com poucas exceções geográficas, a população

negra é vítima prioritária da violência homicida no País” (p. 7). A taxa de homicídio das mulheres brancas vem caindo e das negras alarmantemente subindo.

O machismo inculcado na sociedade favorece os dados citados anteriormente e as escolas do campo devem estar atentas às diversas formas de preconceito e exclusão seja de gênero, sexo, religião, situação social ou cor da pele. Mas, também as famílias devem repensar a forma de criar e educar suas crianças. Apesar das mudanças ocorridas para as mulheres, elas ainda precisam conhecer, assimilar e fazer uso do feminismo, empoderando-se e buscando empoderar outras mulheres. A sororidade é urgente em uma sociedade que propaga o machismo desde as crianças.

3- **SER EDUCADORA DO CAMPO DA CIDADE DE TOMÉ-AÇU**

As mulheres gestoras que deram cheiro, sabor e vida a essa pesquisa foram quatro e têm entre trinta e quarenta anos. Estão atuando no campo de três a quinze anos e relataram suas vivências pessoais e profissionais, assim identificando, reconhecendo os moldes sociais relacionados aos papéis destinados a mulher e aos homens, com o desafio de ser mulher do campo, local este marginalizado por séculos. Por receio de represálias algumas das entrevistadas disseram preferir ser identificadas por codinomes. Assim, adentrar o universo das minhas informantes foi tarefa difícil e delicada.

Uma das quatro entrevistadas respondeu muito superficialmente as questões abordadas no questionário para elaboração deste artigo. As respostas correspondiam apenas a sim ou não. Dessa forma, o que se pode observar é certo receio de que outros indivíduos possam analisar suas respostas e criticá-la de alguma forma por isso, ou seja, passar por qualquer tipo de represália. Ela, também, pode ter preferido se abster e não expor sua opinião sobre os temas sugeridos, o que nos leva a refletir sobre o temor que muitas mulheres têm de protagonizar ações, demonstrar conhecimento. Um dos objetivos deste trabalho é justamente demonstrar a importância e força das gestoras do campo da cidade de Tomé-Açu.

Duas das quatro gestoras atuam em escolas multisseriadas e as outras duas em escolas pólos, estas últimas atuam como coordenadoras pedagógicas antes de aceitar a função de gestoras. Para facilitar o entendimento, por sugestão das informantes, elas serão identificadas como: *gestora da escola pólo 1*, *gestora da escola pólo 2*, *gestora da multissérie 1* e *gestora da multissérie 2*.

As escolas multisseriadas correspondem àquelas em que o gestor por muito tempo foi e em Tomé-Açu ainda é reconhecido pelo termo *professor dirigente*, pois é aquele que, além de

lecionar, executa a parte administrativa da escola, que por sua vez está localizada em uma comunidade que tem um número pequeno de alunos e eles estão em séries/ano diferentes e estudam juntos.

A escola do campo, seja multissérie ou polarizada, precisa ser uma das principais motivadoras da afirmação da identidade dos camponeses, além de mostrar a importância da tradição e valorização da agricultura familiar. Só assim deixará de expulsar seus jovens dela, uma vez que estes não se sentem representados e sem enraizamentos na localidade.

As escolas que as pesquisadas atuam são compostas mais por mulheres do que por homens. E existe um estereótipo atribuído aos gestores, principalmente se o cargo for exercido por alguém do sexo feminino, como bem mostrou a gestora da escola pólo 1: *“Algumas vezes, talvez pelo meu tipo físico e pela minha simplicidade aparente no vestir, às vezes, quando estamos reunidos em equipe e alguém chega procurando a diretora, percebo que o olhar da pessoa procura alguém com outras características”*.

Sobre os estereótipos ensinados desde a infância Adichie, em 2017, disse que os “estereótipos de gênero são tão profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade” (p. 28). De fato, é difícil nos despir de tais estereótipos, porém, é nossa missão como indivíduos educadores é ensinar nossas crianças o respeito à diversidade, a valorização da mulher, que o machismo mata e o feminismo liberta. Também é importante demonstrar que as mulheres lutam por visibilidade.

4- AS GESTORAS DAS ESCOLAS DO CAMPO: MACHISMO E FEMINISMO

É necessário criatividade, sensibilidade e imaginação na busca de pistas que permitam transpor o silêncio e a invisibilidade que perduram por tão longo tempo quanto ao passado feminino. Soihet e Pedro (2007, p. 296), afirmam que “estamos, preparadas para fazer frente àqueles que, na academia, ainda não nos reconhecem como parceiras plenas, tentando relegar-nos a posições periféricas em face do caráter ‘secundário’ de nossas preocupações”. Não nos curvemos ao patriarcado! Segundo Silva (2015)

Patriarcado é uma palavra que deriva do grego *pater* cuja referência é de um território comandado por um homem, ou seja, todos os indivíduos que se diferem da fisionomia de adulto do sexo masculino são subordinados aos mandos e desmandos da figura soberana que, na família, é representada pelo pai. É caracterizado apenas pela autoridade máxima masculina, mas também pela total submissão e subordinação da mulher social, econômica

e sexualmente, sendo tratada como uma extensão de todos os bens possuídos pelo homem. (p.70)

No livro “Sejamos todos feministas” Adichie (2015) declara que a palavra “feminista” tem um peso negativo: a feminista odeia os homens, odeia sutiã, odeia a cultura africana, acha que as mulheres devem mandar nos homens; ela não se pinta, não se depila, está sempre zangada, não tem senso de humor, não usa desodorante. Este é um estereótipo criado sobre a mulher que afirma ser feminista. Não se pode esquecer, também, que muitas mulheres são contra o feminismo e isso revela a força do patriarcado.

O movimento feminista foi de suma importância para nós, mulheres, fazendo que nos vejamos como personagem principal de nossas vidas, tendo poder de decidir e opinar abertamente ou até tornando a sociedade mais sensível aos obstáculos enfrentados por nós, porém em muito precisamos melhorar como sociedade para sermos mais justos e democráticos. Um exemplo é a maior participação das mulheres na política para, assim, dialogarmos sobre temáticas femininas que são atualmente decididas por homens no congresso. O feminismo é libertador.

O machismo e o desrespeito com nosso corpo atingem a todas nós na rua, em casa, entre amigos e familiares, até no trabalho. Algumas das gestoras já foram surpreendidas com cantadas por parte de alunos, funcionários ou pais de alunos, com olhadas indiscretas, cochichos, principalmente as que são solteiras. A gestora da multissérie 2 declarou: *“finjo que nem é comigo”*. Por que geralmente com as solteiras? Porque eles têm medo dos maridos das casadas. Homens têm receio de outros homens e não de mulheres. Essa gestora acredita que se fosse casada talvez o assédio não acontecesse. Logo, uma mulher solteira pode ser vista como alguém que merece ser desrespeitada.

O estado civil de uma mulher não define seu caráter, e há a disputa entre mulheres. Falta a sororidade, que faz com que mulheres se ajudem, lutem juntas e não uma contra as outras como o patriarcado deseja. Compactuo com Chimamanda, que em seu livro intitulado “Sejamos todos feministas” afirma que nós criamos nossas filhas para enxergar as outras mulheres como rivais e não como irmãs de lutas e dores. Nós, mulheres, temos os corpos vigiados pela sociedade e pelas igrejas.

A gestora da multissérie 2 comentou: *“O preconceito existe”* e reiterou: *“alguns alunos respeitam mais os gestores que as gestoras, pois ele é visto com mais temor, a palavra dele parece mais forte. Mas, vejo as gestoras mais reflexíveis, alguns gestores são extremamente autoritários, machistas e têm atitudes pesadas e desnecessárias para com os demais funcionários da escola”*, finalizou ela.

As mulheres enfrentam diversas dificuldades para atuar nesse cargo, por diversos motivos, sejam eles de cunho pessoal ou profissional. Uma delas relatou que não podia sair para um bar ou festa na cidade que era severamente criticada. Mas, apesar das angústias que mulheres sofrem na sociedade, as gestoras não acreditam que se fosse um homem na gestão da escola algumas situações seriam diferentes ou mais fáceis, uma vez que a escola têm profissionais qualificados para diversas funções e habilidades. A gestora da escola polo 1 destacou que *“nos casos de tarefas mais pesadas fisicamente, entra em ação a parceria e o trabalho em equipe”*.

A gestora da multissérie 2 destacou que sua fala foi interrompida diversas vezes por pais que eram chamados para falar sobre o comportamento de seus filhos. E complementou apontando outra atitude machista: *“organizei um torneio de futebol na escola e o vigia e os pais dos alunos tomaram a frente por acharem que eu não conseguiria”*. Essas ações machistas podem parecer sutis ou explícitas nas falas dos sujeitos.

Ter a fala interrompida é apenas uma das ações machistas como bem lembrou a gestora da escola pólo 1 dizendo que já teve ideias furtadas por homens e que eles ficaram com o mérito, quando ela atuava como coordenadora pedagógica e que isso aconteceu incontáveis vezes. A gestora relatou, também, casos de preconceito entre alunos, uma vez que as escolas são ambientes que recebem sujeitos muitos diferentes, com visões de mundo ainda limitadas.

Ao lidar com o PDE, que é o Plano de Desenvolvimento da Escola, considerado pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) como um processo de planejamento estratégico desenvolvido pela escola para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, Mais Alfabetização, Novo Mais Educação e outros programas que envolvem dinheiro e prestação de contas, algumas gestoras já sentiram certas estranhezas, como se tivessem inaptidão para a função.

A gestora da escola pólo 1 declarou *“com incapacidade, não, com desconfiança, sim... por isso procuro prestar contas de cada centavo”*. Todas as gestoras que contribuíram com este artigo são graduadas, três delas especialistas, ou seja, instruídas e aptas a atuar em seus respectivos cargos. Mesmo assim, o fato de serem mulheres, é o suficiente para que duvidem de seu trabalho.

É possível listar sugestão de temas a serem trabalhados nas escolas do campo, e há experiências concretas e positivas sobre as temáticas citadas, como no município de Tomé-Açu, em que há o SOMEF (Sistema de Organização Modular do Ensino Fundamental) que leva o Ensino Fundamental maior às escolas do campo há 11 anos e, desde 2016, inseriu no currículo do sistema a disciplina Educação Ambiental e EREER (Educação para as relações étnicas e raciais), além do TC (Tempo Comunidade), em que professores e alunos desenvolvem atividades envolvendo a comunidade escolar, com aulas de campo, entrevistas na comunidade e outras ações.

Para lutarmos por nossos direitos é preciso conhecê-los, para valorizarmos as conquistas passadas é necessário estudar a história dessas mulheres. Exemplo disso é o voto feminino. Muitas mulheres criticam o feminismo sem saber que o movimento contribuiu para a obtenção dessa conquista, por exemplo. Pensando nessas questões, deixamos aqui uma sugestão de aula interdisciplinar sobre feminismo para escolas do campo, haja vista que, se nos propomos a trabalhar isso em sala de aula, temos que começar a colocar em prática e, a nossa intenção aqui, é apresentar plano de aula para que seja utilizado por educadoras e educadores que têm interesse em trabalhar a temática de gênero no ensino básico por um mundo menos violento e misógeno para todas nós.

5- SUGESTÃO DE PLANO DE AULA INTERDISCIPLINAR SOBRE FEMINISMO NAS ESCOLAS DO CAMPO.

I- Identificação

Nome da escola do campo: _____

Disciplinas: Língua portuguesa, Matemática, História e ERER, Geografia e Estudos Amazônicos, Ensino Religioso, Artes, Educação Física, Inglês, Ciências.

Nomes dos educadores envolvidos e suas disciplinas: _____ **Turma: 9º ano**

Justificativa

Trabalhar essa temática faz-se necessário, uma vez que as mulheres são invisibilizadas pela sociedade patriarcal. Conceituar o termo Feminismo conhecendo a luta das mulheres do campo, possibilitando ao aluno a compreensão do papel da mulher na sociedade contemporânea contribui no empoderamento dos sujeitos do campo.

III- Objetivo: Conceituar o termo Feminismo conhecendo a luta das mulheres do campo.

IV- Competências e habilidades

- Identificar em textos (poema, música ou vídeo) a objetificação do corpo da mulher. (Língua Portuguesa.)

-Comparar a questão salarial de homens e mulheres no mercado de trabalho em gráficos. (Matemática)

-Compreender como surgiu o movimento feminista e suas conquistas (História)

-Reconhecer o estereótipo da mulher negra (ERER)

- Respeitar ambos os gêneros conhecendo os privilégios dos homens na sociedade. (Ensino Religioso)
- Compreender o papel da mulher na sociedade no passado e atualmente (Geografia)
- Conhecer o Movimento de Mulheres Camponesas-MMC e a participação das nortistas. (Ciências)
- Identificar as pautas do MMC relacionadas à agricultura. (Educação Ambiental)
- Identificar as formas de violências sofridas pelas mulheres do campo e conhecer a Marcha das Margaridas (Geografia)
- Conhecer artistas femininas e seus trabalhos (Artes)
- Valorizar as mulheres no esporte (Educação Física)
- Interpretar e conhecer os termos: *manterrupting*, *bropropriating*, *mansplainingegaslighin* e conhecer a biografia de Angela Davis (Inglês)

V- Conteúdo das aulas

- A objetificação do corpo da mulher. (Língua Portuguesa.)
- Mulheres e questão salarial (Matemática)
- História do movimento feminista e suas conquistas (História)
- O estereótipo da mulher negra na sociedade (ERER)
- Patriarcado e os privilégios dos homens na sociedade. (Ensino Religioso)
- O papel da mulher na sociedade no passado e atualmente (Geografia)
- Movimento de Mulheres Camponesas-MMC. (Ciências)
- Pautas do MMC (Educação Ambiental)
- Violências contra mulheres do campo e a Marcha das Margaridas (Geografia)
- Artistas femininas (Artes)
- Mulheres no esporte (Educação Física)
- Manterrupting*, *bropropriating*, *mansplainingegaslighin* (Inglês)

VI- Metodologia e tempo estimado

- Ler o dossiê “Feminismo, História e Poder”, de Celí Regina Jardim Pinto, para entender como surgiu o movimento feminista. Dividir a turma em grupos e debater as principais conquistas do movimento (História) Tempo: 2 aulas de 45 min.

- Ler o texto buscando interpretar, ver o videoclipe ouvindo a música: “Respeita as mina”, de KelSmith. Abrindo para o debate com a turma em forma de roda de conversa. (Língua Portuguesa.) Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Ler o texto: “Mulheres ganham 20% a menos que homens, segundo IBGE”, de Bia Cardoso, do site “Blogueiras Feministas, e analisar os dados no site do IBGE. Em seguida montar gráficos com os dados. (Matemática).Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Ler o texto e ouvir a música “Mulheres Negras” de Izalú e dialogando em forma de perguntas para a turma sobre o texto e escrever um texto enaltecendo a figura feminina negra, não apenas com elogios físicos mas também sua luta e conquistas (ERER). Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Dividir a turma em grupos destinar a cada grupo a leitura um capítulo do livro “Sejamos todos feministas”, de ChimamandaNgoziAdichie e traduzido por Christina Baum, apresentando em forma de seminário (Ensino Religioso) Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Dividir a turma em grupos destinar a cada grupo a leitura um capítulo do livro “Como educar meninas feministas”, de Chimamanda Ngozi Adichie. Produzir um texto sobre a compreensão que tiveram do livro, dialogando sobre o papel da mulher na sociedade no passado e atualmente (Geografia) Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Apresentar o texto: “Movimento de Mulheres Camponesas: um movimento camponês e feminista”, de Valdete Boni, já resumido previamente pelo professor. Fazer a leitura com a turma e debater os pontos principais. (Ciências)Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Utilizar também o texto: “Movimento de Mulheres Camponesas: um movimento camponês e feminista”, de Valdete Boni, dialogar sobre a agricultura e as mulheres localmente, quais atividades exercem as mulheres da comunidade, quais culturas plantam, dentre outros. (Educação Ambiental)Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Apresentar em slide, resumidamente, trechos do “Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil”, de Julio Jacobo Waiselfisz, identificando as formas de violências sofridas pelas mulheres do campo. O professor explica o movimento denominado a Marcha das Margaridas e sugere que alunos relatem possíveis violências sofridas por mulheres na comunidade. (Geografia)Tempo: 2 aulas de 45 min.
- O professor dialoga com os alunos sobre a invisibilidade da mulher na sociedade e sugere uma pesquisa (em grupo) na internet sobre artistas femininas e seus trabalhos, cada grupo pesquisa uma arte diferente (escritoras de livros e poemas, cantoras, artista plásticas, dentre outras) e apresenta a pesquisa em forma de slides. (Artes) Tempo: 2 aulas de 45 min.
- Dialogar com a turma a supervalorização dos homens em certos esportes (ex: futebol) comparando o mesmo esporte praticado por mulheres, enfatizando a questão salarial e visibilidade na mídia. Após isso, assistir o filme: “Menina de ouro” com a turma. Questionar os alunos sobre o que acharam do filme e as dificuldades encontradas pela personagem principal. (Educação Física) Tempo: 3 aulas de 45 min.

- O professor apresenta os termos em inglês: *maninterrupting*, *bropropriating*, *mansplaining* e *gaslighting* para a turma, assim como sugere a tradução. Depois, debatem juntos sobre o significado das palavras e questiona se as mulheres da turma já sofreram essas violências e se os homens da sala já praticaram, assim como o que cada um sentiu sofrendo ou praticando a ação. (Inglês) Tempo: 2 aulas de 45 min.

VII- Recursos:

Livros, Artigos, poemas, textos, data show, caixa de som, computadores.

VIII- Avaliação de aprendizagem e sugestões

Em cada aula a avaliação será específica. No entanto, no geral analisa-se a discussão realizada, a interpretação dos textos e dos debates, o empenho dos alunos nas apresentações em grupo e assim, identifica-se a assimilação da temática por parte de alunos e professores.

6- SEGUINDO NA LUTA

Continuamos sendo desmerecidas e desrespeitadas por homens ou até por outras mulheres em diversas situações. Os abusos são incontáveis e podem parecer sutis, mas são rotineiros. Às vezes, podem aparentar ao agressor que não afetam, porém causam inseguranças e, em muitos casos, podem ser até fatais. Como pesquisadoras, nos sentimos impulsionadas a socializar este trabalho e principalmente expor abertamente o que passamos no cotidiano violento em que vivemos.

Não podemos aceitar que nos impeçam de sermos ativas, produtivas academicamente, que sejamos ou façamos o que quisermos por medo de retaliações machistas e sexistas. Ensinar que mulheres não podem fazer certas coisas só pelo fato de serem mulheres é errado. (ADICHIE, 2017, p. 20). Reforçar estereótipos que desqualificam negros, gays, mulheres e homens não contribui com as mudanças que necessitamos na sociedade e que almejamos em nossas escolas. Não podemos mais permitir que continuem violentando simbolicamente as educadoras do campo, a gestoras e a todas as outras mulheres pelo simples fato de sermos quem somos: mulheres.

Esperamos que as escolas do campo consigam levar aos seus educandos e famílias através de métodos pedagógicos o respeito à diversidade (de gênero, religião, sexo, e outros), valorizando a figura da mulher na sociedade, pois nós desempenhamos papéis importantes. Não basta defendermos a causa, precisamos problematizar nas salas de aulas, salas dos professores, secretaria, diretoria, na roda de amigos e familiares.

7- REFERENCIAS

- ADICHIE, ChimamandaNgozi. *Para educar crianças feministas: um manifesto*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- ADICHIE, ChimamandaNgozi. *Sejamos todos feministas*. 1a ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do campo. *Dicionário da Educação do Campo*./ Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- MOLINA, Mônica Castagna. SÁ, Lais Mourão. Escola do Campo. *Dicionário da Educação do Campo*./ Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- PALUDO, Conceição. DARON, VanderleiaLaodete Pulga. Movimento de Mulheres Camponesas (MMC Brasil). *Dicionário da Educação do Campo*./ Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.
- SILVA, AD. Ser homem, ser mulher: as reflexões acerca do entendimento de gênero. In: Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 51-100.
- SOIHET, Rachel. PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 27, nº 54, p. 281-300 – 2007.
- WASELFISZ, JulioJacob. Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil. 1ª Edição Brasília – DF – 2015.